

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E O DESAFIO DA MISSÃO À LUZ DO CARISMA ORIGINAL NA ORDEM DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

RELIGIOUS LIFE CONSECRATED AND THE CHALLENGE OF THE MISSION IN THE
LIGHT OF THE ORIGINAL CHARISMA IN THE ORDER OF ST. FRANCIS OF ASSISI

Célia Maria Ribeiro¹

Resumo: O objetivo do presente artigo está diretamente relacionado à reflexão sobre a participação de religiosos/as consagrados/as, na sociedade contemporânea, à luz do carisma original de cada família, na qual destaca-se a Ordem de São Francisco de Assis. A discussão, que tem por base a Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, proposto pelo Papa Francisco, no período de 30 de novembro de 2014 a 2 de fevereiro de 2016, perpassa a importância da presença de pessoas consagradas no nosso meio, assim como a sua influência evangélica no processo de transformação das estruturas internas à comunidade religiosa, e também da realidade onde está inserida, levando em consideração os diferentes aspectos percebidos nela. Para tanto, a revisão histórica da caminhada e o exercício profético constante têm papel fundamental na superação das dificuldades enfrentadas, com vista à comunhão eclesial fraterna.

Palavras-chave: Vida Religiosa Consagrada; Ordem de São Francisco de Assis; Exercício Profético; Testemunho Evangélico.

Abstract: In the light of charisma in family life, this article aims at promoting a reflection on the current participation status of consecrated devout people, with a special stress in the Order of Saint Francis (OSF). The discussion proposed has the apostolic letter “To All Consecrated People on the Occasion of the Year of Consecrated Life” as its base, written by Pope Francis and set in motion from November 30th 2014 to February 2nd 2016. The letter tackles the question of the extreme importance of having consecrated people in our midst, as well the apostolic influence in the process of remodeling the community internal structures and in reshaping the community life; it also takes into account the many social aspects involved. In order to do so, there’s a constant reassessment of the chosen path and the need of prophetic exercises to overcome the unavoidable difficulties to achieve fraternity in ecclesial communion.

Keywords: Religious Consecrated Life, Order of Saint Francis (OSF), Prophetic Exercises, Gospel Witness.

¹ Doutoranda em Ciência da Religião – PUC/SP. cmariar@uol.com.br

Introdução

“Escrevo-vos como Sucessor de Pedro, a quem o Senhor Jesus confiou a tarefa de confirmar na fé os seus irmãos (cf. Lc 22,32) e escrevo-vos como irmão, consagrado a Deus como vós”. Com essas palavras, o Papa Francisco abre a Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, no período de 30 de novembro de 2014 a 2 de fevereiro de 2016. A decisão leva em consideração a sensibilidade à realidade de muitos/as religiosos/as e da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; e o 50º aniversário da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a qual faz referência aos religiosos/as, mais especificamente no capítulo VI, assim como da *Perfectae Caritatis*, que trata da renovação da vida religiosa, aspectos igualmente assinalados pelo próprio pontífice.

As situações modernas, ora incompreendidas, ora negligenciadas, têm respostas com explicações plausíveis a partir da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, pois trata da Igreja Católica Apostólica Romana em diálogo com o mundo, em meio a tanta complexidade. Diante disso, não há como ser indiferente à problemática do tema em questão. A *Perfectae Caritatis*, igualmente inserida no contexto dos documentos do Concílio Vaticano II, contém a exposição dos princípios gerais considerados convenientes à renovação da vida religiosa, relacionados de forma sucinta: o seguimento de Jesus Cristo, orientação evangélica para cada forma de vida religiosa, é a regra suprema; a índole e a função particular de cada família consagrada implicam no conhecimento do espírito e dos intentos dos/as fundadores/as, com vista à preservação deste patrimônio; a irmandade própria de cada forma de vida religiosa esteja em comunhão com as iniciativas e os propósitos da Igreja Católica Apostólica Romana em matéria bíblica, litúrgica, dogmática, pastoral, ecumênica, missionária e social; o conhecimento dos homens e dos tempos seja fomentado por cada família consagrada, para o encontro eficaz com a sociedade; e, por fim, que a renovação espiritual seja a parte principal na adaptação à realidade ou na promoção das obras exteriores (cf. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1962–1965, p. 279-280).

Por isso, descrevo a hipótese de que a vida religiosa consagrada, embora seja uma temática passível de diversos enfoques, tem na ótica do presente artigo, a possibilidade de transformação das realidades mais adversas, das internas às externas, às próprias comunidades religiosas, baseadas na inspiração inicial de seus/as respectivos/as fundadores/as e, especialmente, na opção evangélica de que estão no caminho da construção da justiça e da paz mediante a observação crítica da sociedade contemporânea. A reflexão sobre a participação de

religiosos/as consagrados/as, na sociedade contemporânea, à luz do carisma original de cada família, na qual destaca-se a Ordem de São Francisco de Assis, é o objeto central em questão. Para o desenvolvimento do trabalho, destaca-se a leitura do respectivo texto base, assim como de outras referências bibliográficas, de teor documental, histórico e analítico. As subdivisões estabelecidas no artigo têm a intenção de corresponder de forma objetiva aos aspectos elencados pelo Papa Francisco para a revitalização das comunidades religiosas e a inserção responsável na sociedade em constante transformação.

A Carta Apostólica às Pessoas Consagradas suscita a reflexão na sociedade contemporânea, haja vista as mudanças inevitáveis no interior de suas instituições, entre as quais estão presentes os diferentes carismas das comunidades religiosas, em contínuo movimento nas suas respectivas realidades, por sua vez, inseridas no contexto cultural, econômico, político e social de cada nação. Portanto, também são desafiadas a dar uma resposta que seja, ao mesmo tempo, coerente com o carisma original e criativa no desenvolvimento de ações suscitadas pelos novos panoramas. Nesse sentido, a justificativa da presente reflexão está voltada para a interlocução realizada com o cenário contemporâneo.

Os objetivos e as expectativas para o Ano da Vida Consagrada têm elementos significativos para a renovação da caminhada de todas as famílias pertencentes ao seguimento mais próximo de Jesus Cristo, sob a certeza de que não estão sozinhas, pois à volta de cada uma delas “está presente uma família maior”, a “família carismática”, que engloba, sobretudo, os cristãos leigos, chamados à participação na mesma realidade carismática, conforme mencionado pelo Papa Francisco. É nessa perspectiva que se insere a presente reflexão, na condição laical, de grande estima do Concílio Vaticano II, e inserida na missão pastoral eclesial. O diálogo com a referida Carta Apostólica leva em consideração, entre tantas formas de vida religiosa, o interesse pela Ordem de São Francisco de Assis.

1. História de vida, pessoal e comunitária, como fonte de renovação

Mostrai a todos que seguir Cristo e pôr em prática o seu Evangelho enche o vosso coração de felicidade. Contagiai com esta alegria quem se aproxima de vós, e então muitas pessoas dela vos perguntarão a razão e sentirão o desejo de compartilhar convosco a vossa maravilhosa e entusiasmante aventura evangélica (Mensagem do Papa Francisco por ocasião da Abertura do Ano da Vida Consagrada, 30 de novembro de 2014)

A presença de pessoas consagradas traz contribuição ao desenvolvimento da consciência laical sobre o vínculo com a história da origem carismática de cada seguimento

religioso, o que leva à pessoa fundadora. Uma forma coerente de reflexão sobre a caminhada a partir do carisma inicial, pois diz respeito ao povo cristão, participante nesse processo de formação do cristianismo, no seio do qual Santos e Santas construíram a especificidade histórica de cada família religiosa.

Que seria a Igreja sem São Bento e São Basílio, sem Santo Agostinho e São Bernardo, sem São Francisco e São Domingos, sem Santo Inácio de Loyola e Santa Teresa de Ávila, sem Santa Ângela Merícia e São Vicente de Paulo? E a lista tornar-se-ia quase infinita, até São João Bosco, a Beata Teresa de Calcutá. (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, III, nº 2)

Entre tantos sinais concretos de caridade, a herança franciscana marca sobremaneira a reflexão por se tratar do objeto da reflexão. Conforme assinala o Papa: “repassar a própria história é indispensável para manter viva a identidade e também robustecer a unidade da família e o sentido de pertença dos seus membros” (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, I, nº 1). Tal semelhança nota-se em Francisco de Assis por ocasião da elaboração do Testamento, após a experiência dos estigmas no Monte Alverne².

Daquele monte, desce um Francisco mais pacificado consigo mesmo, capaz de reescutar novamente o chamado para ser um “irmão menor” e não o dono da situação, sem renunciar, diante de Deus, à responsabilidade pelos seus frades. Sente-se agora capaz de falar do itinerário de sua vocação, não por si, mas por Cristo, a quem dedicara vinte anos de sua vida. (CROCOLI, 2015, p. 19)

Há três posturas que o guiaram na construção do Testamento, segundo o autor: “a de um homem que olha sua vida passada a partir da fé; a de alguém que reassume a responsabilidade pelo que Deus fez com ele e com seus frades (presentes); a de um homem que vive tudo isso movido por uma paixão: a de ser um dom para os irmãos (futuros)” (CROCOLI, 2015, p. 19).

Guardadas as devidas especificidades de cada processo, vale a menção à pergunta do Papa Francisco aos religiosos/as: Jesus é verdadeiramente o primeiro e o único amor, conforme professado nos votos? (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para

² Em 1224, no Monte Alverne, Francisco teve *uma visão divina* (cf. Ez 1,1; 8,1) à semelhança de um homem crucificado. Era a visão de um homem na forma de um Serafim. E o bem-aventurado servo do Altíssimo, ao ver isto, enchia-se da mais profunda admiração, mas não sabia o que esta queria significar. O coração dele estava absorvido pela visão e começaram a aparecer-lhe nas mãos e nos pés os sinais dos cravos. Igualmente, o lado direito fora como que traspassado por uma lança, ficando fechada uma cicatriz, e dele muitas vezes jorrava sangue, de modo que sua túnica e os calções, muitas vezes, ficavam molhados com o sangue sagrado. O seu corpo, desde então, estava marcado pelos estigmas da cruz de Jesus Cristo (TEIXEIRA, 2014, p. 262).

Proclamação do Ano da Vida Consagrada, I, nº 2). É necessário que a resposta esteja presente de forma positiva na vida religiosa consagrada, pois, do contrário, será praticamente inviável a doação amorosa e misericordiosa às pessoas com as quais houver um encontro pelo caminho, sob quaisquer circunstâncias. Posteriormente, na mensagem de abertura do Ano da Vida Consagrada, o pontífice reforça a importância do amor divino como porto seguro de reposição da confiança humana. “Quem se sente amado pelo Senhor sabe que pode repor n’Ele a sua plena confiança. Assim fizeram os vossos Fundadores e Fundadoras, abrindo novos caminhos de serviço ao Reino de Deus” (Mensagem do Papa Francisco por ocasião da Abertura do Ano da Vida Consagrada. 30 de novembro de 2014).

Assim como o próprio fundador fez uma revisão histórica de sua trajetória à luz da fé, também a comunidade franciscana tem condição de fazer a narrativa da própria história para tornar ainda mais visível a gratidão pelo passado e, nele, a observação sobre os ideais, o espírito e a missão ao longo do tempo vivido pelas gerações anteriores, a fim de construir as referências para a sociedade em constante transformação, portanto, com a visão direcionada ao presente. A escuta agradecida do passado deve ser instrumento para a observação qualificada da realidade contemporânea, mediante a orientação do Evangelho de Jesus Cristo, “a regra em absoluto para os Fundadores e as Fundadoras” de cada família religiosa; qualquer outra regra pretendia ser expressão do Evangelho de Jesus Cristo e instrumento para vivê-lo em plenitude (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, I, nº 2).

A “retrospectiva” da caminhada religiosa remete à lembrança missionária da origem, na qual estava presente o serviço à humanidade, de diferentes modos, entre eles, a caridade ilimitada. Levando esse ponto em consideração, nota-se fidelidade à missão mediante o carisma original? Na “onda” de sobrevalorização da subjetividade individual, que enfraquece os vínculos comunitários, deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, entre outros interesses. A avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos, levando-os a buscar a felicidade através do bem estar econômico e da satisfação hedonista. Na dimensão sociopolítica, o mundo passa por vários conflitos, às vezes por governos ditatoriais, outros nas relações humanas.

A violência se reveste de várias formas e tem diversos agentes: o crime organizado e o narcotráfico, grupos paramilitares, violência comum, sobretudo, na periferia das grandes cidades, violência de grupos juvenis e crescente violência intrafamiliar. Suas causas são múltiplas: a idolatria do dinheiro, o avanço de uma ideologia individualista e utilitarista, a falta de respeito pela dignidade de cada pessoa, a deterioração do tecido

social, a corrupção inclusive nas forças da ordem e a falta de políticas públicas de equidade social. (DA nº 78)

Diante dessas situações, ainda há quem se mantenha indiferente. A massificação da vida pelo excesso de preocupações com a prosperidade financeira, o sucesso profissional ou o reconhecimento social desviam o olhar daquilo que é realmente essencial à pessoa. O próprio sentido da vida passa por constantes equívocos. A responsabilidade pela “solução” dos problemas sociais se concentra na esfera da administração pública que, na maioria das vezes, deixa de corresponder às expectativas da população pela incoerência com o discurso político, muito “inflamado” em período eleitoral, mas ineficaz na implantação de medidas que auxiliem as pessoas, sobretudo as mais necessitadas.

Nesse contexto caminha a *ecclesia*. Porém, mesmo diante de toda a presença católica na sociedade com rádios, televisão, cinema, jornais, páginas na internet e outros meios, há obstáculos à renovação proposta pelo Concílio Vaticano II. Embora haja o reconhecimento do esforço empreendido, pela vida religiosa consagrada, na renovação de sua caminhada, após a “ventania” do Espírito Santo com o Concílio Vaticano II, o mundo secularista reúne inúmeras dificuldades ao espírito missionário dos cristãos em geral, portanto, também aos/às consagrados/as e leigos/as, que têm influência na educação dessa mesma sociedade.

No que se refere à vida religiosa consagrada, há que ser observado outro dado, considerado problemático na compreensão de sua realidade, levando em consideração os diversos aspectos da conjuntura atual. Trata-se da pouca ou quase inexistente “adaptação ou identificação responsável com as *grandes mudanças* que permeiam a civilização mundial nas últimas décadas” (MATTOS, 2015, p. 21, grifo do autor). A abordagem crítica sobre os diferentes aspectos das mudanças elencadas por Mattos, guardadas as devidas especificidades de cada uma delas, têm constituído boa parte da causa da crise estrutural da vida religiosa consagrada, conforme declara o autor. Por outro lado, também têm possibilitado a formulação de alguns eixos sobre os quais deveria ser trilhado o caminho das pessoas consagradas, nos diferentes segmentos carismáticos (MATTOS, 2015, p. 21). Destaca-se, a seguir, a relação feita com a Carta Apostólica do Papa Francisco, objeto central da presente reflexão desenvolvida no artigo.

Em se tratando de “linhas fundamentais de orientação” corrobora com as palavras do Papa Francisco, pois os documentos do Concílio Vaticano II, a começar pela cinquentenária *Perfectae Caritatis*, possibilitam esse redescobrimento na caminhada. Entre as formas existentes de configuração da vida religiosa consagrada, a renovação proposta no Concílio Vaticano II, conforme o autor, interpela que a vivência humana seja feita na história; que a

consagração está no seguimento de Jesus Cristo; que a fidelidade aos votos tem importância mediante os critérios do Evangelho de Jesus Cristo e da missão; que é importante a compreensão profunda da realidade social, através dos estudos; que não se deve estar alheia às conquistas científicas e tecnológicas; que o compromisso pastoral deve ser mais consequente com a realidade; que é necessário adquirir uma mentalidade moderna (MATTOS, 2015, p. 34-35).

No entanto, o cumprimento dessa experiência tem exigência que passa da ordem interior à exterior, pois sem o reconhecimento da própria fragilidade será difícil dar o passo em direção ao outro que está igualmente no mundo, dilacerado pela ambição desmedida e pelo individualismo exacerbado. Nesse sentido, a autossuficiência será ainda mais prejudicial na medida em que desvia a atenção para o próprio indivíduo, sem o compromisso do exame interior com vista à recontagem da experiência, mas ao contrário para a confiança nas próprias forças. Porém, considera que “com a chegada do Papa Francisco ressurgiu a esperança de que uma vida religiosa inserida “caiba” na Igreja” (MATTOS, 2015, p. 36). Para tanto, tem em vista uma das cinco expectativas particulares do Sumo Pontífice:

Espero ainda de vós o mesmo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmo para ir às periferias existenciais. “Ide pelo mundo inteiro” foi a última palavra que Jesus dirigiu aos seus e que continua hoje a dirigir a todos nós (cf. Mc 16,15). A humanidade inteira aguarda: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos saciados de bens mas com o vazio no coração, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino... Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquéis prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes a Boa Nova. Encontrareis a vida dando a vida, a esperança dando esperança, o amor amando. De vós espero gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na iniciação à vida de oração. (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, II, nº 4)

Em que seja responsabilidade de cada família religiosa consagrada, à franciscana soa maior direcionamento haja vista a opção inicial pela pobreza radical por parte de quem desejava a vivência do seguimento do Evangelho de Jesus Cristo, feita pelos primeiros irmãos a exemplo de Francisco de Assis e segundo o mandato evangélico da Regra: “Jesus lhe respondeu: Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me.” (Mt 19,21). Ainda que para alguns seja desnecessária a discussão sobre a referida orientação, levando em consideração a presente conjuntura, na qual o predomínio econômico dita a “regra” de comportamento pessoal, comunitário e social, seja na

vida religiosa consagrada ou fora dela, há a possibilidade de construção de outra visão e consequente postura renovada, para o exercício da nova evangelização.

1.1. Testemunho evangélico: uma resposta possível na missão

A resposta à missão de cada família religiosa consagrada pela busca constante da vivência do Evangelho de Jesus Cristo soa como “utopia” na sociedade contemporânea. Há muitas dificuldades enfrentadas como, por exemplo, a diminuição de vocações e o envelhecimento, notadamente no mundo ocidental, os problemas econômicos na sequência da grave crise financeira mundial, as insídias do relativismo, a marginalização e a irrelevância social... (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, I, nº 3).

No entanto, a experiência próxima de nós faz a diferença especialmente porque traz força como exemplo concreto. E também relembra a importância do testemunho evangélico sem vã “utopia”. Entre tantos outros, destaca-se a referência ao “Anjo bom da Bahia”, como é conhecida a Irmã Dulce³, cuja beatificação⁴ representa a importância de sua contribuição religiosa especialmente em favor dos mais necessitados de nossa sociedade. Nascida em Salvador, no dia 26 de maio de 1914, dedicou a maior parte de sua vida ao trabalho junto aos pobres. Ainda na adolescência já exercitava o acolhimento aos mendigos e doentes transformando a própria casa da família na “Portaria de São Francisco” como era chamada pela população local.

A frágil condição física jamais fora empecilho para Irmã Dulce reunir esforços na realização das obras sociais, passando pelas portas das casas aos gabinetes das autoridades

³ Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes, mais conhecida como Irmã Dulce, Beata Dulce dos Pobres ou Bem-Aventurada Dulce dos Padres. Em 8 de fevereiro de 1933 entra para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Em 15 de agosto de 1934, aos 20 anos de idade, tornou-se freira, recebendo o nome de Irmã Dulce, em homenagem à sua mãe. Site de consulta: http://wiki.cancaonova.com/index.php/Irm%C3%A3_Dulce . Acesso realizado em 11 de maio de 2016.

⁴ O processo de beatificação e canonização de Irmã Dulce foi iniciado no ano 2000. Em 27 de outubro de 2010, o Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo anuncia em entrevista coletiva à imprensa o voto favorável e unânime do colégio de cardeais e bispos da Congregação para a Causa dos Santos, a autenticidade de um milagre atribuído à Irmã Dulce, cumprindo, dessa forma, a última etapa do processo de beatificação da religiosa. Em 10 de dezembro, do mesmo ano, Papa Bento XVI autoriza a promulgação do decreto do milagre que transforma a Venerável Dulce em Beata, ou Bem-Aventurada. A autorização foi dada pelo pontífice ao prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, Cardeal Angelo Amato, em audiência privada no Vaticano. Um dia após o decreto papal, a fase de canonização do processo foi iniciada. Isto significa que qualquer graça ocorrida a partir desta data pode vir a ser analisada pelo Vaticano como o potencial milagre de sua santificação ou canonização. Site de consulta: http://wiki.cancaonova.com/index.php/Processo_de_canoniza%C3%A7%C3%A3o_Irm%C3%A3_Dulce . Acesso realizado em 12 de maio de 2016.

públicas a fim de obter o auxílio nos trabalhos filantrópicos. Uma demonstração de que a política permite também o exercício da caridade, dissociada do assistencialismo momentâneo, porém, comprometida com as causas justas regidas pela ética cristã na defesa da dignidade humana, lamentavelmente desprezada pela maioria das autoridades públicas no nosso país.

O número daqueles que lançam mão dessa prática parece em crescimento constante, pois os altos índices de pobreza na sociedade brasileira, divulgados recentemente pelo IBGE a partir do Censo 2010, indicam 16,267 milhões de pessoas com rendimento máximo de R\$ 70,00. A referência diz respeito somente a uma das faces do precário quadro social brasileiro, mas significa um importante dado para a constatação de que há muitos desafios para a erradicação da miséria no nosso meio.

No entanto, o exemplo de Irmã Dulce ultrapassa barreiras consideradas intransponíveis, devido ao olhar para além dos seus limites e por estar amparada por um coração fiel aos princípios divinos, a demonstração de que é possível ser coerente na historicidade de nossa peregrinação, pois a fé desarticulada da ação evangelizadora torna-se alienante. A lembrança de tão virtuosa pessoa é nitidamente percebida pelo ditoso número de obras sociais transformadoras das mais árduas condições de degradação humana observada nas comunidades que tiveram a graça do seu convívio. A lembrança de Irmã Dulce soa como reconhecimento do seu serviço em favor dos irmãos e das irmãs em diversas áreas de suas vidas, sobretudo, no acolhimento sincero de suas dificuldades mais profundas, cuja expectativa de superação somente fora concretizada pela intervenção deste “anjo bom”.

Isso demonstra que a história de nossa caminhada cristã tem a possibilidade de desenvolvimento de novas ações solidárias ao benefício comum especialmente na busca da justiça social cujo fruto, sem sombra de dúvida, será a paz almejada por todas as pessoas direcionadas segundo a ética cristã. E porque não a demonstração do aprendizado da “perfeita alegria”, pelo reconhecimento do rosto de Cristo no rosto sofrido. “A eficácia apostólica da vida consagrada não depende de eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo.” (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, II, nº 1).

2. Profecia inserida na sociedade hodierna

Vem, Espírito Paráclito, amparo e consolação de teu povo! Infunde nos consagrados a bem-aventurança dos pobres para que caminhem na senda do Reino. Dá-lhes um coração consolador para que enxuguem as lágrimas dos últimos. Ensina-lhes a força

da mansidão para que neles brilhe o Senhorio de Cristo. (...) Acende neles a profecia evangélica para que abram caminhos de solidariedade e saciem expectativas de justiça. (Oração do Papa Francisco. In: Convergência, 2016, p. 151)

A questão que se coloca nesta seção diz respeito ao desafio da missão da vida religiosa consagrada em plena sociedade hodierna e as possibilidades de inserção nesse contexto com vista à revitalização interior e comunitária. Nesse sentido, Papa Francisco equipara a vida religiosa consagrada à profecia, característica que lhe é própria. Embora extensiva às demais pessoas, aos/as religiosos/as é pedida uma postura profética, haja vista a exigência radical do Evangelho de Jesus Cristo (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, II, nº 2).

Embora fuja ao escopo deste, vale mencionar que por radical será adotada a seguinte variação semântica da palavra: a que se refere à raiz, portanto, voltada incondicionalmente à palavra proferida pelo Mestre e Senhor. Em Mc 1,22 há uma declaração sobre o ministério de Jesus Cristo na Galiléia: “Entraram em Cafarnaum e, logo no sábado, foram à sinagoga. E ali ele ensinava. Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.” O ensinamento era diferente daquele praticado pelas pessoas no período em questão. O Cristo do Evangelho não aponta ao homem mesmo, mas ao seu encerramento, à sua recusa de acolher a novidade de Deus que se manifesta através dele, das suas leis, dos seus preceitos e dos seus regulamentos que asfixiam e que trancam as pessoas numa culpabilidade que é contrária ao Espírito de Liberdade do Cristo do Evangelho. Ele era um profeta que causava incômodo.⁵

Jesus Cristo, palavra viva no meio da humanidade, jamais fez uso da violência em suas ações, mesmo diante do comércio de animais e de dinheiro no Templo (Jo 2, 13-16). A sua manifestação de ira era decorrente da violação da paz exercida pelos vendedores e cambistas. É diferente das nossas queixas contra a violência e a corrupção, trevas que nós mesmos deixamos crescer no Reino da Paz, pretendido por Jesus Cristo (PEDROSO, 2011, p. 89-90).

O profeta “é capaz de discernimento e também de denunciar o mal do pecado e as injustiças, porque é livre, não deve responder a outros senhores que não seja a Deus (...). Habitualmente, o profeta está da parte dos pobres e indefesos, porque sabe que o próprio Deus está da parte deles”. (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, II, nº 2)

No entanto, para a correspondência radical ao seguimento de Jesus Cristo, alguns têm associado a profecia evangélica à violência verbal ou à disputa pelo poder no jogo de interesse

⁵ Cf: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506155-jesus-cristo-um-profeta-que-incomoda->

institucional e até mesmo particular, em detrimento do livre exercício profético “do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco” (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, II, nº 2).

A inovação proporcionada por Jesus Cristo era revestida da profunda consciência de sua missão no seio da sociedade na qual estava inserido, sem perder de vista o laço de pertença a uma comunidade de fé. A partir desta, o vínculo de solidariedade religiosa ultrapassa o mero reduto social dos correligionários, pois está unida para a promoção do bem comum. E a autêntica fraternidade experimentada nas comunidades religiosas consagradas alimenta a alegria pela entrega total ao serviço do próximo (PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada, II, nº 1).

Francisco de Assis, que em tudo buscava a imitação de Jesus Cristo, mostra para onde converge “a verdadeira e perfeita alegria”:

O mesmo [Frei Leonardo] contou na mesma ocasião que, um dia, o bem-aventurado Francisco, em Santa Maria, chamou Frei Leão e disse: “Frei Leão, escreve”. Este respondeu: “Já estou pronto”. “Escreve – disse – o que é a verdadeira alegria. Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na Ordem: escreve que isto não é a verdadeira alegria. Igualmente, que [entraram na Ordem] todos os preladados ultramontanos, arcebispos e bispos, o rei da França e o rei da Inglaterra: escreve que isto não é a verdadeira alegria. Do mesmo modo, que os meus irmãos foram para o meio dos infiéis e os converteram todos à fé; e, além disso, que eu tenho tanta graça de Deus que curo os enfermos e faço muitos milagres: digo-te que em tudo isto não está a verdadeira alegria. Mas o que é a verdadeira alegria? Volto de Perúgia e chego aqui na calada da noite, e é tempo de inverno, cheio de lama e tão frio que gotas de água se congelam nas extremidades da túnica e [me] batem sempre nas pernas, e o sangue jorra de tais feridas. E totalmente na lama, no frio e no gelo, chego à porta e, depois de eu ter batido e chamado por muito tempo, vem um irmão e pergunta: Quem és? Eu respondo: Frei Francisco. E ele diz: Vai-te embora! Não é hora decente de ficar andando; não entrarás. E, como insisto, de novo ele responde: Vai-te embora! Tu és simples e idiota. De maneira alguma serás acolhido junto a nós; somos tantos e tais que não precisamos de ti. E eu novamente me coloco de pé diante da porta e digo: Por amor de Deus, acolhei-me por esta noite. E ele responde: Não o farei. Vai ao lugar dos Crucíferos e pede lá. Digo-te que, se eu tiver paciência e não ficar perturbado, nisto está a verdadeira alegria e a verdadeira virtude e a salvação da alma”. (TEIXEIRA, 2004, p. 194)

Então, o que é a perfeita alegria? A perfeita alegria está na experiência de suportar em paz qualquer sofrimento (PEDROSO, 2014, p. 92). “Francisco de Assis conseguiu não ser violento porque era verdadeiramente pobre: quem não tem nada para defender como seu pode estar em paz. Não precisa de violência” (PEDROSO, 2014, p. 93).

Considerações finais

A vida religiosa consagrada passa por um momento significativo na história da humanidade, marcada pelas transformações de toda ordem, algumas já descritas na reflexão do presente artigo. A Carta Apostólica do Papa Francisco chama a atenção para os desafios encontrados nessa realidade global, ao mesmo tempo em que propõe alternativas para a otimização do potencial interior observado nas diferentes formas de vida religiosa consagrada com o objetivo de fazê-las cada vez mais próximas das exigências de renovação frente ao mundo desordenado pela exploração do ser humano e pela desvalorização da sua dignidade como pessoa. O “rosto desfigurado” de alguma pessoa sem esperança, de alguma família desestruturada, de alguma criança abandonada, de algum jovem marginalizado, de algum doente ou idoso desprezado, de algum rico vazio no coração, torna-se a medida da redescoberta do carisma original. Na realidade contemporânea há a possibilidade de revitalização do ideal impulsionador sentido no início do chamado vocacional. A revisão histórica da caminhada, seja pessoal ou comunitária, é o elemento chave para o cumprimento da missão sob a profecia evangélica. A Proclamação do Ano da Vida Consagrada indica o caminho a ser seguido para além do tempo cronológico, pois faz um acento forte na imprescindível necessidade de humanização baseada na promoção concreta da justiça e da paz.

Referências

- Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- Carta Apostólica* do Papa Francisco às *Pessoas Consagradas* para a Proclamação do Ano da Vida Consagrada. Vaticano, 21 de novembro – Festa da Apresentação de Maria – do ano 2014.
- CROCOLI, Frei Aldir, *ofmcap*. *A Herança de Francisco de Assis: leitura do seu testamento*. Porto Alegre: ESTEF, 2015.
- Documento de Aparecida (DA)*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 11. ed. Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2009.
- Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962–1965)*. São Paulo: Paulus, 1997.
- JUNIOR, Fernando Altemeyer. *Francisco de Assis e a Senhora Pobreza*. O Mensageiro de Santo Antonio, Santo André/SP, n. 568, p. 10-13, out. 2013.
- MATTOS, Luiz Augusto de. Do porto seguro a um tempo de provação, da incerteza à esperança pascal: a Vida Religiosa Consagrada e os seus atuais desafios. In: SUSIN, Luiz Carlos

(Org.). *Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação*: “Vejam que estou fazendo uma coisa nova.” (Isaías 43, 19). São Paulo: Paulinas, 2015.

Mensagem do Papa Francisco por ocasião da Abertura do Ano da Vida Consagrada. Vaticano, 30 de novembro de 2014.

Oração do Papa Francisco. In: *Convergência*, Brasília/DF, n. 489, p.151-152, mar. 2016.

PEDROSO, José Carlos Corrêa, ofmcap. *Reconstrói a minha casa*. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba, 2011.

TEIXEIRA, Celso M. (Org.). *Fontes Franciscanas e Clareanas*. Petrópolis: Vozes, FFB, 2004.

Sites de consultas:

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506155-jesus-cristo-um-profeta-que-incomoda-> Acesso realizado em 15 de maio de 2016.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares/preliminar_tab_adic_uf_zip.shtm Tabela 7 Acesso realizado em 1º de junho de 2016.